



VERA LAMANNO-ADAMO

TERESA Margarida:

A AUDÁCIA
DE UMA MULHER
NO SÉCULO XVIII

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Contando do começo

Anos atrás tive conhecimento, por meio de um ensaio da escritora Ana Miranda, publicado na *Veja 25 anos: reflexões para o Futuro*, que Dorothea Engrassia foi a primeira brasileira a escrever um romance, publicado em Portugal em meados do século XVIII. Era algo tão insólito que atribuiu a autoria do livro a Alexandre de Gusmão, e Dorothea terminou seus dias encarcerada por ter desafiado o poder das leis e dos costumes femininos.

Essa história da mulher que termina seus dias numa prisão por ter desafiado os costumes da época, foi relatada no meio de várias outras: a brava Maria Quitéria com seus próprios ideais, que se vestiu de homem para assentar praça na artilharia e lutar na guerra da Independência; a mártir Joana Angélica, morta a golpes de baioneta, numa versão nacional de Joana d’Arc; Inez de Souza, que ajudou o marido governador a expulsar os invasores franceses e Anita Garibaldi, que abandonou o lar, fugiu de uma prisão e atravessou um rio a nado, agarrada à crina de um cavalo,

para reencontrar seu amor em Vacaria, o revolucionário Giuseppe Garibaldi, quatorze anos mais velho.

Ana Miranda conta sobre essas mulheres para traçar os paradigmas femininos da nossa história, que nos fazem lembrar as lendárias guerreiras amazonas que precisaram queimar o seio direito para poder atirar com arco e flecha.

Ana Miranda faz uma viagem através da vida dessas mulheres para refletir sobre o desafio do feminino no Brasil de hoje e de amanhã.

No entanto, dentre todas essas mulheres, o breve relato sobre Dorothea Engrassia saltou aos meus olhos como em alto relevo.

Por algum tempo quis saber mais sobre Dorothea, o breve relato de Ana Miranda aparecia e desaparecia no meu imaginário. Depois me esqueci dela quase completamente. Numa ocasião, anos mais tarde, em uma de minhas visitas a livrarias, encontrei o *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho. Ali, de forma imprevista, encontrei mais sobre Dorothea. Em sua pesquisa, Nelly traça a trajetória de mais de 1400 escritoras em três séculos de literatura brasileira, dentre elas nossa primeira romancista, Teresa Margarida da Silva e Orta. Assim, fiquei sabendo um pouco mais sobre Dorothea e que seu nome verdadeiro era Teresa Margarida da Silva e Orta. Soube também que em 1790 uma nova edição do romance foi lançada com a seguinte indicação: seu verdadeiro autor, Alexandre de Gusmão.

Ao longo dos anos, minha curiosidade sobre a vida e a obra de Teresa Margarida só fez aumentar. Quem foi essa mulher que viveu no século XVIII? Como eram sua alma, suas vertigens, seus amores? Casou-se? Teve filhos? Como teria sido sua vida no cárcere? Que romance escreveu? Foi presa por ter ousado escrever? Foi isso? Foi presa porque se disfarçou de homem para conseguir o seu objetivo, ter o seu livro publicado? Como seria o semblante de Teresa Margarida? Seria uma mulher risonha, uma mulher que ousava sorrir e mostrar seus dentes bonitos, apesar de muito provavelmente isto ser uma vaidade condenável? Seria ela uma mulher imaginativa? Vestia-se absolutamente de acordo com os estereótipos da época? Será que ousava usar decotes ou panos diáfanos sobre os seios? Usava perfume ou algum tipo de maquiagem?

Adélia Prado, dois séculos depois, nas Minas Gerais, escreveu o seu primeiro livro com uma poesia intitulada *Com licença poética*. Nessa poesia, quase pede desculpas por ser uma mulher que está ousando inaugurar linhagens. Pede licença para ser desdobrável.

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.

Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Mais recentemente, o desejo de saber e escrever sobre Teresa Margarida me arrebatou de vez. Não pude mais adiar uma pesquisa aprofundada sobre a essência da vida dessa mulher desavergonhada e desobediente do século XVIII, que teve a audácia de inaugurar linhagens, carregar bandeira, fundar reinos proibidos para uma mulher. Se atreveu a ser desdobrável e, quem sabe, por conta disso, foi condenada.

Fatos Históricos

TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA nasceu em São Paulo, em 1711. Seu pai, José Ramos da Silva, emigrou para o Brasil muito jovem. Veio trabalhar como criado de servir na Bahia. A mãe, Dona Catarina D’Orta, era brasileira e filha de Matias Rodrigues da Silva, um dos homens mais ricos de São Paulo. Conta-se que São Paulo, no início do século XVIII, ainda era terra de pioneiros, ouvia-se dizer que os paulistas eram uma espécie de bandidos, gente libertina, sem governo.

Dos filhos de José Ramos da Silva e D. Catarina três eram vivos. Matias Aires, o mais velho dos três, era filósofo e escreveu *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Teresa Margarida, a filha do meio, e Catarina, que foi freira no Convento de Odivelas.

Nesta época, os nomes escolhidos para as meninas indicavam a santa que a mãe desejava que as protegesse. Segundo a lenda, Santa Margarida foi engolida por um dragão e saiu intacta de sua boca. Esta Santa protegia as mulheres na hora do parto e dava-lhes filhas saudáveis. Teresa invoca Santa Teresa de Ávila, uma freira que realizou

uma grande reforma na Ordem das Carmelitas Descalças, fundou vários conventos, com uma rígida forma de vida, trabalho e silêncio, deixou várias obras escritas e é considerada a protetora dos escritores.

José Ramos da Silva partiu para Portugal com a família em 1716, quando Teresa Margarida estava com cinco anos de idade, e de criado a magnata ascendeu socialmente, foi feito Auxiliar do Santo Ofício, recebeu o título de Cavaleiro da Ordem e, logo em seguida, ocupou um dos postos administrativos mais elevados do Reino, o de Provedor da Casa da Moeda. Com uma riqueza sólida, nada poupou para dar aos filhos a instrução e educação que não teve.

Assim que chegou a Portugal, José Ramos da Silva destinou a Teresa Margarida e a Catarina uma vida religiosa, enviando-as para o Convento das Trinas, e a Matias Aires as posses e a descendência dos familiares. Numa sociedade portuguesa altamente hierarquizada, a carreira religiosa era praticamente o único meio das mulheres receberem algum tipo de instrução igual à recebida pelos homens.

No convento das Trinas, Teresa viveu durante nove anos, dos seis aos quinze anos de idade, onde aprendeu a escrever poemas, diversas línguas como italiano, espanhol, latim, francês e foi instruída em música e astronomia. Naquela época, estudar astronomia significava romper as barreiras impostas à mulher, já que era uma área da ciência exclusivamente masculina.

Em 1728, com dezesseis anos de idade, à revelia dos pais e possivelmente com a ajuda do irmão Matias Aires,

Dados da autora

E-mail: vlamannoadamo@gmail.com

Facebook: Vera Lamanno

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em novembro de 2020.
